

O objetivo deste artigo é pensar alguns dos elementos que compõem a paisagem sonora da porção leste da terra indígena Yanomami-TIY. A partir da noção de paisagem sonora (*soundscape*) elaborada por Murray Schafer (2001), descreveremos operações sonoras de transformação da paisagem nas regiões do Apiaú e Ajarani, na TIY. Uma paisagem sonora é constituída a partir de eventos ouvidos: o canto de um pássaro, a conversa entre os mais velhos, o ruído de aviões e motor de energia, a correnteza do rio tocando pedras no caminho, o choro de uma criança. O caráter dinâmico e transformável da paisagem sonora amazônica será analisado, seguindo a conceituação deste autor, a partir dos aspectos dos sons que a compõe, considerando que sejam relevantes desde sua singularidade, preponderância e quantidade. A partir disto, descreveremos eventos ouvidos que se mostram relevantes na composição da paisagem sonora dos Yanomami, de modo a contribuir com o entendimento da vida acústica desta localidade.

Palavras-chave: Yanomami, paisagem sonora, vida acústica

1. Introdução

Com o objetivo de contribuir com o entendimento da vida acústica no limite leste da Terra Indígena Yanomami (TIY), descreveremos algumas situações nas quais seja possível descrever de que maneira os *Yaroamë* Yanomami se engajam com a paisagem por meio do sensível. Nesse sentido, daremos atenção aos aspectos da vida sonora do cotidiano, ou seja, o que é singular, preponderante e que possua relevância sonora, ou seja, quantidade.

De uma posição de pessoa não-Yanomami e não habitante da terra-floresta², a vida acústica na TIY chama atenção pela pluralidade sonora do ambiente, em contraste com os repetitivos ruídos dos centros urbanos, com suas fábricas, oficinas mecânicas, trânsito e congestionamento de automóveis, aglomeração de pessoas e carros de propaganda. A

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Terra-floresta é uma tradução para o termo *Urihi a* na língua Yanomami. Designa uma floresta viva, que possui um sopro vital que remonta de outros tempos. É animada pelas águas que brotam das profundezas, pelo cheiro da mata, a vida dos animais, árvores e canto dos passarinhos. *Omama*, demiurgo da mitologia Yanomami, criador das regras sociais e da humanidade conforme encontra-se atualmente, quis que os espíritos *xapiripë* habitassem toda a extensão da terra-floresta, cabendo aos humanos a proteção de suas moradas.

vida acústica na floresta, por outro lado, nos convida a elaborar maneiras outras de pensar a sonoridade.

2. Paisagens sonoras na terra-floresta

Preocupado com a poluição sonora em escala mundial e analisando a mudança da paisagem sonora do mundo que acompanha o movimento do mundo rural em direção ao universo urbano, Murray Schafer (2001) explica que pensar em paisagens sonoras significa pressupor que os sons são dotados de simbolismo e que existem diferentes comportamentos humanos a partir de diferentes ambientes sonoros. Aos eventos sonoros criados pelos pássaros, animais, correnteza dos rios, vento, chuva, o autor descreve como sendo os sons fundamentais de uma paisagem.

Ainda que tenhamos como objetivo levar a cabo uma discussão com Schafer, apontaremos um contra ponto essencial para pensar a noção de paisagem sonora. Ingold (2011) indica que o estudo da dimensão sonora dos lugares versaria a respeito de uma interpretação de mundo a partir de suas formas acústicas. Sua crítica, nesse sentido, é a respeito da reificação de atrelar o conceito de paisagem com a necessidade de um determinado registro sensorial específico. A centralidade do som como forma privilegiada de investigar a paisagem aparece, para Ingold, um tanto equivocada. Para ele, não escutamos o som, mas coisas no som e por meio do som.

Ainda que Schafer conserve um sentimento bucólico em relação a um mundo tomado pelo barulho das máquinas e veja a necessidade de um projeto acústico que valorize o silêncio, conservamos do pensamento deste autor a noção de “competência sonológica da sociedade” e sua relação com o problema da poluição sonora. A paisagem sonora do limite leste da TIY é constituída a partir de uma série de eventos ouvidos que vão desde as pesadas chuvas do meio do ano até os pequenos aviões que carregam ilegalmente a riqueza aurífera da região. Assim sendo, a competência sonológica dos Yanomami abrange uma infinidade de eventos ouvidos que vão desde a vida da floresta à vivência dos grandes centros urbanos.

As metamorfoses nas paisagens sonoras e o apelo comportamental que essas transformações infligem no substrato social não serão pensadas como elementos de causa e consequência, mas considerando eventos ouvidos que transformaram radicalmente a paisagem sonora dessa localidade, como os motores de popa dos garimpeiros e todo maquinário utilizado na extração aurífera.

Em “A queda do céu” (KOPENAWA; ALBERT, 2015), Kopenawa oferece uma

compreensão nativa do sistema macrosocial dos brancos, uma teoria crítica do outro, e uma definição específica para capitalismo. O estranho que chega e promove à destruição da terra e da floresta criada por *Omama*, demiurgo Yanomami, é tido conforme um animal voraz, “comedor de terra”. Tal como “porcos-do-mato” promovem a alteração da paisagem por meio de suas escavações na terra e pela utilização de mercúrio nos rios. Os cantos dos *xapiri*, espíritos e animais ancestrais, que habitam a floresta desde o “tempo outro” silenciam. A floresta é tomada pelo barulho das escavadeiras e das máquinas que iriam construir a Perimetral Norte, ou parte dela.

No cenário das políticas de colonização da Amazônia, o Plano Nacional de Integração (PIN) tinha como objetivo ocupar uma região vista como um vazio geográfico e levar, a uma só vez, pessoas e desenvolvimento. Sousa (2020) comenta que a criação redes de comunicação, ligação rodoviária, programas agrominerais e projetos de assentamento foram as principais medidas tomadas a partir do PIN. A floresta, vista como uma grande massa verde amorfa e silenciosa é invadida por toda poluição sonora oriunda de equipamentos e pessoas de fora.

Isto posto, a situação que descreveremos a seguir diz respeito a uma reunião entre lideranças indígenas na região do Apiaú, limite leste da TIY. Essas reuniões contam com a presença de praticamente todas as pessoas das aldeias dessa região. Homens, mulheres, crianças, pessoas mais velhas, jovens, todos participam com suas pinturas corporais e miçangas. É importante apresentar-se belo nessas ocasiões. A reunião ocorre num grande tapiri (habitação de palha em formato cônico), conseqüentemente, os moradores dessas adjacências são os primeiros a chegar, seguindo-se dos moradores de aldeias mais distantes que precisam vir em suas canoas a motor rabeta.

Antes do início da reunião, é comum as pessoas conversarem entre si, saber notícias de parentes de outras localidades, trocarem sementes, preparem café e escutarem música em caixinhas de som ou aparelho celular. De longe, escutamos os barulhos dos motores rabeta se aproximando e os Yanomami logo sabem identificar a família que chegou. Ou seja, o barulho dos motores pode ser compreendido como um barulho presença, uma qualidade sonora que antecede, prevê e qualifica as pessoas que estarão presentes numa determinada localidade, as pessoas que chegaram de outros lugares.

Não somente o barulho dos motores de rabeta anuncia a presença daqueles que vem de longe, os gritinhos das pessoas igualmente anunciam a presença e são facilmente identificados por aqueles que escutam. Esses gritinhos são relevantes na composição da paisagem sonora dos Yanomami pois estão presentes em diversas situações e são eventos

ouvidos presentes em momentos de caçada, situações de pessoas perdidas na mata, chegada de parentes vindos de outras aldeias etc. Esse evento acústico encurta a distância entre aquele que grita e aquele que custa, como indicando a posição desses dois sujeitos, o grito aproxima, convida e anuncia a presença.

O começo da reunião geralmente se dá com a fala de homens mais velhos e sábios, os *pata thëpë*. Eles discorrem a respeito dos problemas enfrentados naquela região, a relação com os brancos, a necessidade de se lutar contra o garimpo. Sua fala, ainda que seja forte e ressoe de forma mais alta em relação aos demais sons do ambiente, não deixa de ser acompanhada por esses sons. O choro de bebês, as crianças brincando, pessoas fazendo comentários paralelos, cachorros latindo, o barulho do motor a diesel que fornece energia, o canto de araras e periquito acompanha toda a fala das lideranças.

É interessante observar que o silêncio absoluto não é desejado nessas ocasiões. Associado à tristeza, fraqueza e fome, aqueles que pouco falam e comumente encontram-se em silêncio, assim o fazem porque estão desanimados e não querem festejar ou celebrar. A partir disso, as pessoas que tinham, por algum momento, a preponderância da fala, não compreendiam essas situações como uma espécie de monólogo e desejavam essa harmonia de eventos sonoros múltiplos. Porém, quando o arranjo dessa sonoridade impedia a audição da fala dessas lideranças, os comentários jocosos ocorriam no sentido de falar que crianças fazem barulho demais.

Novamente, o silêncio não é desejado. A distribuição de *beiju* e café é comum nos momentos de reunião. Quando ausentes, as reclamações de mesquinharia e consumo unilateral de alimentos é observada. É desejável que os alimentos e um café recém passado esteja presente nos momentos de reunião e vinda de pessoas de outras aldeias. Algumas pessoas também trocam miçangas entre si, compartilham vídeos e músicas que possuem em seus telefones celulares e compartilham o cuidado com as crianças.

A combinação de alguns dos eventos ouvidos aqui descritos pode ser compreendida como elementos de transformação e composição de uma determinada paisagem. A distância daqueles que moram em outras aldeias é imediatamente encurtada com a presença anunciada pelos motores de rabeta e os gritinhos de apresentação. A presença que se faz ainda longe, aproxima moradores de múltiplas localidades num determinado ambiente que passa a ter outras qualidades sonoras em sua paisagem. O *tapiri*, em geral silencioso e frequentado por poucas pessoas no cotidiano, passa a ser lugar de muitas pessoas, de encontro, de debate, de música e de decisões políticas.

As canoas movidas por motor de rabeta, que outrora era movidas exclusivamente por

remos feitos de madeira, passam a ser um tipo de evento ouvido que transforma a paisagem dos rios amazônicos da região do limite leste da TIY. Os mais velhos, em tom jocosos, falam que os mais novos são muito preguiçosos e não mais querem remar. O momento de chegada de determinadas pessoas, como aqui descrevemos, é rapidamente identificada pelo barulho do motor de rabeta que a pessoa possui. A possibilidade de reprodução dos sons só ocorre a partir dos sons que escutamos, por isso, a identificação de um determinado motor também ocorre pela capacidade das pessoas de reproduzirem determinado som, identificando o dono de um motor singular.

A correnteza dos rios, o som do movimento dos peixes, jacarés e tartarugas, são radicalmente alterados pelo uníssono e destoante barulho dos motores de rabeta. A paisagem sonora natural é tomada por um ruído, um som desagradável e de origem industrial.

A mesma qualidade sonora que compõe a paisagem, também altera o sentido de anunciar a presença garimpeira ilegal. Os motores das canoas dos garimpeiros, mais potentes e barulhentos, são facilmente distinguidos de outros motores e sempre acompanham o seguinte comentário, com o dedo em riste, como quem denuncia: “canoa do garimpeiro vem vindo aí”.

A experiência daqueles que já conviveram com garimpeiros ou próximo das localidades de garimpo é comumente descrita como um ambiente de intensa poluição sonora. Possuidores de grandes caixas de som, maquinário do garimpo e barulhentos motores de popa, os garimpeiros são produtores de ruídos, poluição não apenas ambiental, mas sonora. Se o ouvido é um sentido receptor, há de se considerar a pouca disposição em ouvir. O caráter dinâmico e transformável da paisagem, a partir da invasão garimpeira, estabelece uma passagem para aquilo que Schafer classifica como paisagem sonora natural imbricada com sons da vida cotidiana para uma paisagem ruidosa e de poluição sonora.

Os motores de popa, associados às canoas pesadíssimas que carregam mantimentos e combustíveis dos garimpeiros, afugentam animais e espantam os possíveis animais a serem caçados. Pode-se dizer o mesmo do motor a diesel que produz energia nas proximidades do posto de saúde que atende a região do Apiaú. É comum que os caçadores se queixem do barulho dessas máquinas e tenham que ir a localidades cada vez mais distantes para pescar ou caçar.

Cotidianamente, aviões de pequeno porte cortam o céu da Terra Indígena Yanomami. De longe, os Yanomami, com sua incrível competência sonológica para

perceber a vida sonora do cotidiano, identificam a proximidade desses aviões. Muitas vezes as crianças amontoam-se para observar a passagem dessas máquinas que cortam o céu, fazendo o mesmo para avistar a canoa dos garimpeiros. Para os não iniciados nessas competências, a identificação de um desses aviões só é possível quando já visível no céu.

Se os lugares que nos encontramos produzem paisagens específicas que, conseqüentemente, fazem com as pessoas apenas sejam capazes de reproduzir aquilo que escutam, a competência sonológica dos Yanomami passa a abranger o campo dos ruídos dos maquinários, da poluição sonora. Indicando um padrão sonoro repetitivo, que impede o diálogo e a audição de qualquer evento ouvido. A reprodução desses sons advindos da poluição sonora indica a aproximação de alguma dessas máquinas, como também serve para explicar situações passadas, experiências com proximidade com os maquinários e para explicar o pensamento dos animais de caça afugentados: “paca, cutia, porcão, pensa assim- ali tem índio bravo, faz barulho demais, não vou chegar perto”. Ou seja, a competência sonológica é também um atributo dos bichos.

O problema da poluição sonora não se restringe aos limites da vida na terra-floresta. As visitas aos centros urbanos motivadas por tratamento de saúde, necessidade de produtos industrializados ou para passar também acompanham descrições específicas dos eventos ouvidos. A possibilidade de frequentar festas, barzinhos e localidades com música alta, é descrita como uma oportunidade para celebrar, dançar e se divertir. Paralelamente, o barulho dos carros é descrito como uma espécie de ruído.

3. Considerações finais

A partir do exposto, é possível pensar na localidade específica das paisagens sonoras, isto é, cada grupo social apresentaria uma paisagem sonora única. Aqueles sons considerados “naturais” como da água, rios, cachoeiras e pássaros, e os outros “derivados da ação humana,” como festas, cânticos, conversas, utilização de motores, juntos, formariam uma paisagem sonora específica. O caso da polifonia da terra-floresta e dos eventos ouvidos produzidos a partir das atividades dos espíritos auxiliares, são elementos de uma vida sonora que extrapola a dicotomia estabelecida entre sons “naturais” e os “derivados da ação humana”. De modo similar, a competência sonológica enquanto atributo também dos bichos parece fornecer material suficiente para repensar a noção de paisagem sonora nos termos de Schafer.

4. Referências Bibliográficas

ALBERT, Bruce. KOPENAWA, Davi. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. Ed. Companhia das Letras. 2015.

INGOLD, Tim. Four objections to the concept of soundscape. In: INGOLD, Tim, Being Alive:Essays on movement, knowledge and description. Londres, Nova York: Routledge, 2011. p. 136-139.

SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SOUSA, Marina. Processo de colonização do vale do rio Ajarani. Faces da História, v. 7, n. 1, p. 217-235, 27 jun. 2020.